

ATRAVÉS DA RÓTULA : SOBRE MEDIAÇÕES ENTRE CASAS E RUAS *

*Paulo César Garcez Marins***

Resumo: O artigo discute o caráter mediador de um elemento arquitetônico que guarnecia maciçamente portas e janelas das construções urbanas, a rótula, e que passaram a ser alvo de combates normativos em várias cidades brasileiras, depois da transmigração da família real para o Brasil, em 1808. Os relatos de viajantes, a historiografia e textos acadêmicos clássicos como os de Gilberto Freyre e Roberto Da Matta enfatizam a dicotomia entre espaços domésticos e logradouros públicos, entre *casa e rua*, recorrendo sempre a estereótipos comportamentais das elites da América Portuguesa, para quem o recato e o pudor constituíam condições definidoras de sua existência, sobretudo em um contexto trespassado pela escravidão. O exame do papel da rótula permite ver uma continuidade entre *casa e rua*, que se contrapõe à visão dicotômica.

Palavras-chave: rótula; casa/rua; dicotomia/continuidade

O presente trabalho prende-se à intenção de oferecer elementos para abordar criticamente a relação entre casa e rua, entre espaços domésticos e aqueles de uso comum, da forma como se apresenta consagrada em grande parte da produção dos historiadores, mas também de arquitetos, antropólogos e sociólogos. Tais situações espaciais – casa e rua – foram concebidas, na maior parte dos estudos relativos aos períodos colonial e imperial, como dimensões essencialmente dicotômicas, cujas práticas sociais perfilavam-se de maneira distinta. O exame de fontes textuais e iconográficas permite entrever contudo mediações intensas entre esses espaços – casas e ruas (optamos deliberadamente pelo plural) – que vão ao encontro de trabalhos recentes que apontam formas bastante diversas de habitação e sua relação com o uso de largos e ruas das cidades brasileiras, distantes dos estereótipos vinculados a famílias estáveis ou às das elites.¹

O uso persistente de rótulas, treliças de madeira que guarneciam quase a totalidade das construções urbanas brasileiras até a chegada da família real portu-

* Trabalho apresentado no 23º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos, maio de 1996.

** Pós-graduando em História Social, Universidade de São Paulo /Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História. Este texto apresenta aspectos da tese de doutoramento em fase de finalização, desenvolvida sob a orientação de Profa. Dra. Maria Odila Leite da Silva Dias.

1 Abordamos alguns desses aspectos em: MARINS, P.C.G. *Gelosias e muxarabis: arquitetura, sociabilidade e poder público em São Paulo (1820/1886)*. No prelo.

guesa em 1808, e que persistiria intensamente nas cidades mesmo sob constantes interdições legais, será aqui o ponto de referência para a interpretação não da dicotomia, mas da intensa continuidade entre casas e ruas.

Gilberto Freyre, no clássico *Sobrados e Mucambos*, tentou a primeira grande tentativa de compreender a multiplicidade das formas de habitação nas cidades brasileiras, as clivagens que permeariam o uso dos espaços domésticos e a convivência entre essas mesmas formas de habitação no tecido urbano. Entretanto, seu livro, que foi editado em 1937, consolida certas abordagens já presentes nos trabalhos de arquitetos ligados a historiadores como Oliveira Lima e Luiz Edmundo e ao movimento neo-colonial, que retiravam dos relatos dos viajantes estrangeiros o estereótipo da casa claustal, refúgio dos valores morais, e dos anseios de descrição e distinção que eram ambicionados pelas famílias.

Tais anseios naturalmente prendem-se não à totalidade dos segmentos que compunham as sociedades urbanas contidas no espaço geográfico brasileiro, mas enfaticamente aos seus segmentos de elite. A ênfase dos estrangeiros nas descrições das residências que os recebiam, quase sempre raras, foram tomadas posteriormente como paradigma do arranjo social e do próprio habitar brasileiro. O sobrado e a rua eram inimigos, disse G. Freyre em *Sobrados e Mucambos*². As rótulas, treliças de madeira herdadas da ocupação moura na Península Ibérica que cobriam a quase totalidade das casas coloniais brasileiras, serviam para selar a inimizade entre tais espaços. Suas sombras permitiam o olhar furtivo, resguardando mulheres nas residências lacradas pela tirania misógina do ciúme dos maridos e pais. *Ver sem ser visto*, é o mote que percorre grande parte dos relatos e trabalhos que se debruçaram sobre a comunicação entre ruas e casas, essas quase sempre surpreendidas com suas donas em ausência.

Na mesma linha de G. Freyre, mas ainda mais generalista, está o texto de Roberto Da Matta, denominado em sua versão definitiva *Casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil*. Nele, Da Matta interpreta casa e rua como espaços binários antagônicos, opostos, que em suas múltiplas exclusões abrigariam metáfora da sociedade brasileira. Opõe **casa e rua** – e a escolha do singular aqui é importante – por contraste de cores fortes, que se definiria pela prática segregada de atividades a eles consideradas como normais. “*Não dormimos na rua, não fazemos amor nas varandas, não comemos com comensais desconhecidos, não ficamos nus em público, não rezamos fora de igrejas, etc...*”, escreveu Da Matta.³

2 “O patriarcalismo brasileiro, vindo dos engenhos para os sobrados, não se entregou logo à rua; por muito tempo foram inimigos, o sobrado e a rua. E a maior luta foi travada em torno da mulher por quem a rua ansiava, mas a quem o pater familias do sobrado procurou conservar o mais possível trancada nas camarinhas e entre as mulecas”. FREYRE, Gilberto M. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*, 6a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981, p. 34.

3 DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua*. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 35. “... embora existam muitos brasileiros que falem uma mesma coisa em todos os espaços sociais, o

Optando por uma expectativa recente, característica a partir da República, e ainda assim demarcada socialmente, Da Matta generaliza no tempo e nos espaço uma segregação que estranharia Vilhena ou a infinidade de atas camarárias das principais cidades do Brasil Colonial e Imperial que justamente queixavam-se daquelas práticas serem executadas em público, na rua, especialmente pelos escravos e forros despossuídos, que não participavam ou não alcançavam os códigos ambicionados por partes, bem dito, das elites locais.

O caráter a-histórico dessas abordagens excludentes leva à compreensão dessas múltiplas práticas e apropriações dos espaços urbanos como patologias, disfunções de uma sintaxe consagrada por Da Matta como normal, como o esperado pela maior parte da população. As exceções que elege reforçariam esse mesmo sentido, visto que afirma não serem de fato todos partícipes desta clivagem, e para tanto lança mão da figura dos “malandros, meliantes, pilantras e marginais em geral”, esquecendo-se de largas parcelas da população que encontram na rua não o espaço da prática da violência mas sim de sua própria sobrevivência. As ruas eram, e ainda são, o espaço de permanência senão contínuo, mas pelo menos o que ocupa maiores horas de muitos mais do que os tipos elencados por Da Matta.⁴ Prossegue ainda demarcando a dicotomia entre casa e rua numa escala de dimensões urbanas, afirmando serem as zonas ocupadas por pobres ou pelo meretrício como segregadas espacialmente, singulares, distantes do restante do tecido urbano⁵.

Lembra aqui de forma indireta o mesmo paradoxo forjado por Gilberto Freyre, aquele do *sobrado e do mucambo*, tipos rígidos e diametralmente opostos que deixam escapar, como também no texto de Da Matta, não só os muitos que habitam as próprias ruas, mas a multidão de casas térreas que povoavam as cidades coloniais, imperais e republicanas, as choças precárias como os próprios mucambos, e os incontáveis cortiços e sobrados abrigando sob teu telhado não mais a única família de elite, mas famílias ou indivíduos que habitavam em conjunto. Eram estas formas de habitar que eram partilhadas pela maior parte das populações urbanas do Brasil, e estavam não segregadas mas espalhadas por todo o tecido urbano. A idéia, e a prática de segregação é característica dos anseios da era republicana, inspirada nos modelos haussmanianos de representação e zoneamento social que, como todos sabemos, está longe de ter dado resultados concretos na maior parte das grandes cidades e capitais brasileiras contemporâneas.

É justamente essas mesmas casas térreas, e esses sobrados que já não abrigavam seus primeiros habitantes que permitem – e em grande escala – o repensar da dicotomia forjada por Freyre e acentuada por Da Matta. Não eram todos os sobra-

normal – o esperado e legitimado – é que casa, rua e outro mundo demarquem fortemente mudanças de atitude, gestos, roupas, assuntos, papéis sociais e quadro de avaliação da existência em todos os membros de nossa sociedade.” Idem, p. 41.

4 Idem, p. 35, 41, 43, 47.

5 Ibidem, p. 39.

dos inimigos das ruas, nem mesmo todas as casas avessas ao trato intenso com as ruas. Da Matta exagera o paradigma de Freyre, onde este disse sobrado (forma arquitetônica e *modus vivendi*), aquele interpretou e expressou casa (genérica e... singularmente)⁶. As ambições de reclusão, de diferenciação social pela exclusão do olhar, daquele *ver sem ser visto* pudico e senhorial, daquela oposição entre sobrado – e não necessariamente casa – e ruas não era **necessariamente** partilhado pela maior parte dos habitantes das cidades.

A continuidade entre espaços, a indefinição entre casas e ruas, entre ruas e ruas, entre áreas que iam em espectro do densamente construído ao mais densamente rural, nas periferias que enredavam-se e interpenetravam-se com as ruas mais fronteiras, todos eles eram espaços propícios às vidas que não se prendiam aos parâmetros econômicos e comportamentais dos segmentos de elite, mas justamente àqueles vastos que dependiam da sobrevivência improvisada no dia-a-dia, das fugas do fisco, das fugas das milícias, dos senhores de escravos.⁷

Eram viúvas, solteiras e amancebadas pobres e remediadas, brancas, pardas e negras, livres, forras e escravas, quitandeiras, aguadeiras, lavadeiras e feiticeiras, escravos e escravas fugidas, homens e mulheres chefes de fogos miseráveis, aquilombados nos matagais dos terrenos destapados e nas matas, mas também alojados fortuitamente nas casas pobres das cidades, vivendo como podiam de trabalhos ou furtos. Homens pobres e forros privados da ascensão social, de cargos, ou de meios de vida seguros e estáveis. Todos eles – que são muito numerosos – não podiam ou não se serviam da dicotomia entre casa e rua, do controle portanto que se poderia estabelecer em espaços tão demarcados.⁸

É justamente nas habitações desse vasto espectro social que podemos perceber através das fotografias e representações pictóricas a maior resistência no arrancamento das rótulas, aquelas mesmas que segundo quase a unanimidade dos relatos de viajantes, das crônicas, e ainda dos trabalhos acadêmicos, serviriam ao *ver sem ser visto*.

Acreditamos não ser o pudor e o recato distintivo que moviam a resistência do uso das rótulas, que passaram a ser perseguidas por motivos vários a partir da chegada da Corte de Maria I ao Brasil. O vidro compulsório era caro, sem dúvida, para a maior parte dos bolsos dos cidadãos, mas para aqueles que viviam no provisório, no discreto e no fugidio, as sombras das rótulas eram abrigo seguro. Mas o uso das rótulas em gelosias e balcões era também – o que gostaríamos de ressaltar especialmente neste trabalho – aquele que permitia, não a reclusão total da luz, da segmentação total de espaços domésticos e públicos, mas aquele uso que permitia

6 Ibidem, p. 46-7.

7 A esse respeito ver a abordagem para o caso paulistano em: DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no séc. XIX*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

8 Idem. Tb.: WISSEMBACH, M. Cristina Cortez. *Sonhos africanos, vivências ladinas: escravos e forros no município de São Paulo, 1850-1880*. São Paulo, USP, 1989. (dissertação de mestrado)

uma intercessão turva, que permitia olhares e tratos sem que os limites materiais entre casas e ruas fossem transpostos.

De certo que os pudores e recatos eram apanágio das elites urbanas, portadoras de tradição mourisca sim, mas muito mais de uma intensa necessidade de diferenciação social numa sociedade trespassada pela escravidão e pelos preconceitos a ela associados. Eram também a nostalgia dos decaídos e, afinal, os distintivos daqueles que queriam ascender socialmente, como era ironicamente o senhório aos forros que empenhavam-se em logo comprar seus próprios escravos.

Rótulas podiam oferecer a ilusão, portanto, de diferenciação social, mas seus interstícios permitiam, mais que os namóricos platônicos consagrados pela literatura romântica, o trato entre aquelas mulheres forçadas ao comércio de seus favores ou à mancebia sem que precisassem sair de suas casas, devassarem-se pelos vidros ou janelas destapadas, ou permitir a entrada de qualquer um. As *Vênus vulgívas* notadas em intenso número por Vauthier no Recife de 1840, e por Saint-Hilaire em São Paulo, resguardavam sua “degradação” aos olhos dos habitantes tão preconceituosos quanto elas próprias, habitando as casinhas dos arrabaldes ou das ruas centrais, portadoras quase invariavelmente das rótulas perseguidas.

Estudos recentes apontam escravos e escravas fugidos mimetizados intensamente aos forros e forras, e escravos de ganho que povoavam as ruas e casas das grandes cidades. Espiar o movimento das ruas para poder perceber momentos adequados de entrar e sair das casas abarrotadas de todo tipo de gente era algo possível através das rótulas, sem que a comunicação com os passantes fosse interrompida.

Mesmo para os integrantes das elites urbanas, ou para os remediados, é impossível compreender sua existência sem que essa reclusão intensa fosse partida, **mediada**, numa mera formalidade que, ao preservar a diferenciação, ainda permitia a comunicação, uma sociabilidade intensa e diferente daquela dos salões marcados pelos modelos franceses da era da Ilustração. Ou seriam então todos por demais ensandecidos, em anos de uma absoluta reclusão urbana privada das larguezas espaciais da vida agrária, nos engenhos ou fazendas.

As representações iconográficas de estrangeiros como, dentre muitas outras, as muito conhecidas de Jean-Baptiste Debret, e descrições minuciosas como as que o engenheiro francês Vauthier deixou em cartas escritas no Recife, permitem de imediato a constatação de que a alegada extinção das rótulas postas na ilegalidade não se processara rápida e eficazmente, em nenhuma das grandes cidades do período joanino e no próprio Império.⁹

Mas esses testemunhos possibilitam ainda verificar que a própria configuração material do artefato permitia não a separação total entre o espaço visual das ruas e casas, privilegiando ainda esta última no assimétrico *ver sem ser visto*, mas sim uma notável iluminação dos interiores domésticos. A manutenção das rótulas permitia a continuidade, o *continuum*, entre casas e ruas, assegurando a possibili-

9 DEBRET, J.B. “Café torrado”, ass., 1826.

dade de comportamentos e formas de vida como as que citamos acima. As palavras de Vauthier, a quem atribuímos muita argúcia na observação e relato das múltiplas formas de habitação do Recife, permitem uma intensa correspondência com as representações iconográficas que selecionamos na pesquisa que subsidia a elaboração de nossa tese por concluir. Diz Vauthier que:

(...) um traço característico das cidades brasileiras, nas partes de construção mais recente, onde o terreno não é ainda disputado tão avidamente, é a casa que só tem o rés-do-chão, a *casa terreia* [sic], que só por si enche ruas inteiras. (...) A sala da frente, por onde se entra, abre sobre a rua por uma grande porta dispondo de dois modos de fechamento: um, colocado por dentro, é um batente inteiriço que só se cerra à noite; outro é uma porta de caixilho com treliça de madeira. *O caixilho superior, que ocupa de dois terços de altura, abre-se independentemente da porta e de tal maneira que se pode, não só reconhecer o visitante, mas também confabular com ele antes de o introduzir.*(...) Algumas vezes, sobretudo nas casas de estilo antigo, o fechamento exterior das janelas tem outra disposição. São folhas duplas de rótula, abrindo-se por baixo e deixando, para cima do vão, uma parte completamente vazia, que varia de *um terço a um quarto de altura*. Essa disposição é encontrada ainda nas janelas dos andares superiores, quando estas não se abrem sobre uma sacada ou varanda antiga. (...).¹⁰

A tapagem parcial dos vãos de janelas e portas permitia uma iluminação suficiente para o reconhecimento e o trato de dentro para fora, e também o inverso, ampliando a insolação que a própria rótula, vazada como é permite, atingir os interiores que garante.

Seja para aqueles habitantes presos aos padrões paradigmáticos praticados pelas elites, ou para aqueles que simplesmente prescindiam das diferenciações e segregações rigorosas entre casas e ruas, a persistência das rótulas auxiliava o prosseguimento de suas formas de vida ao longo do séc. XIX, paulatinamente perseguidas pelas autoridades instituídas no poder público, que combatiam as formas de convívio, trabalho e sociabilidade estabelecidas no tumulto orgânico dos arranjos sociais distantes dos padrões estáveis das elites.

Acreditamos, portanto, que a persistência das rótulas alinha-se à resistência intensa que os segmentos sociais oprimidos pela escravidão e pela insurgência do fortalecimento do poder público – imbuído de novos padrões filtrados das matrizes das capitais burguesas européias – apresentavam em diversas cidades brasilei-

10 VAUTHIER, L.L. "Casas de residência no Brasil", (FREYRE, G. ed.) In *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 7:169-70, 1943.

ras justamente ao processo de constituição de uma diferenciação rígida entre casas e ruas.

Os textos de Gilberto Freyre e Roberto Da Matta parecem prender-se mais à própria experiência vivida por seus próprios autores nas cidades em que vivemos, já muito marcadas por esse anseio diferencial, do que propriamente pela historicidade das localidades a que seus trabalhos se referem genericamente.

Se, contemporaneamente, bairros inteiros de favelas, numerosíssimos cortiços, verticais e horizontais, mendigos e sem-tetos em geral, meretrizes, migrantes e marreteiros fazem parte integrante do tecido das cidades brasileiras, permeando as ruas centrais e dos bairros, extrapolando e muito os códigos “normais” eleitos por Da Matta na apropriação e prática de *casa* e *rua*, a experiência passada destas mesmas cidades brasileiras apontam formas de convívio muito distante de dicotomias.

A persistência de um simples detalhe arquitetônico permite entrever panoramas muito mais complexos que um sossegado e harmônico arranjo entre casas e ruas. Importante por afinal mediar os múltiplos espaços e arranjos domésticos e as diversas práticas das ruas das cidades brasileiras, através das rótulas ligavam-se dimensões nem sempre muito distintas.

Da Matta alertara já para o papel mediador das janelas “entre o espaço interno das casas e o espaço externo das ruas”, ao lembrar o relato de Ewbank que descrevia os pregoeiros e mercadorias dos ambulantes passando “por baixo das janelas”¹¹. Cumpre entretanto buscar a compreensão interpretativa de espaços não tão antagonicamente mediados, não aquilo que passava *por baixo* das janelas, dos sobrados portanto, mas aquilo que se continuava através de janelas, portas e rótulas que abrigavam a maior parte das populações urbanas, pouco presas àquela descontinuidade.

Abstract: This article discusses the mediating character of an architectural element of urban constructions, which furnished massively windows and doors, the “rótula”. It became object of prohibition by government rules after the transference of the Portuguese Royal Family to Brazil in 1808. The voyagers’ accounts, the historiography and classical studies (among others, those of Gilberto Freyre and Roberto Da Matta) point to the dichotomy between house and street, making use of behavioral stereotypes of elites of the Portuguese America, to whom the modesty and chastity were the defining conditions of their existence, above all in a context marked by the slavery. The role of the “rótula” analysis allows us to consider the continuity between house and street instead of a dichotomic view.

Key-words: “rótula”; house/street; dichotomy/continuity

11 DA MATTA, op. cit., p. 49.